



ESTRATÉGIAS DE CONSERVAR O PODER: A CONSTRUÇÃO MIDIÁTICA DO TERMO APROPRIAÇÃO CULTURAL E O CASO DO USO TURBANTE

Ana Carolina Costa dos Anjos¹

Karina Custodio Sousa²

Resumo: O artigo verifica as estratégias de conservar o poder nas relações de identidades raciais no Brasil a partir da análise da abordagem midiática do conceito de apropriação cultural. Leva-se em conta as vozes presentes nas matérias que ancoraram o caso do ‘uso do turbante’, por Thauane Cordeiro, hipermediatizado a partir da publicação em seu perfil do Facebook, em fevereiro desse ano. Para tanto, retoma o processo de construção da identidade nacional, a apropriação oficial e o esvaziamento simbólico de elementos da cultura negra na construção da brasilidade. Também resgata o movimento da construção da identidade negra pela elite branca, seguida do processo reivindicatório que a população negra promove para construir e legitimar sua identidade sociocultural no Brasil do século XXI. Por fim, busca promover uma reflexão sob a perspectiva das teorias do jornalismo com intenção de apontar como o discurso midiático constrói uma realidade social, na qual a(o) negra(o), quando incluso, é hierarquicamente inferiorizado.

Palavras-chave: Identidade Negra; Teorias do Jornalismo; Caso do uso do Turbante.

STRATEGIES TO KEEP THE POWER: THE MEDI-BUILDING OF THE TERM CULTURAL APPROPRIATION AND THE CASE OF TURBANT USE

Abstract: The article verifies the strategies of conservation of the power in the racial identities relations in Brazil from the analysis of the mediatic approach of the concept of cultural appropriation. We take into account the voices present in the stories that anchored the case of 'wearing the turban', by Thauane Cordeiro, hypermediated since the publication in his Facebook profile in February of that year. To do so, it resumes the process of constructing national identity, official appropriation and symbolic emptying of elements of black culture in the construction of Brazilianness. It also rescues the movement of the construction of the black identity by the white elite, followed by the reclamation process that the black population promotes to build and to legitimize its socio-cultural identity in Brazil of the 21st century. Finally, it seeks to promote a reflection from the perspective of journalism theories with the intention of pointing out how media discourse builds a social reality, in which the black people, when included, are hierarchically inferior.

Keywords: Black Identity; Journalism Theories; The case of the Turban use.

STRATÉGIES POUR STOCKER LE POUVOIR: LA CONSTRUCTION MEDIATIQUE DE LE TERME APROPRIATION CULTURELLE E LE CAS DE TURBAN

Résumer: L'article vérifie les stratégies pour conserver la puissance des relations d'identité raciale au Brésil de l'analyse de l'approche de la notion d'appropriation culturelle des médias. Il prend en compte de que les voix présent dans les matières qu'ils ancré le cas « utiliser » turban, Ganesh hipermediatizado, à partir de la date de publication dans votre profil Facebook, en février de cette année. À cette fin, le processus de construction de l'identité nationale, le crédit

¹ Professora substituta no curso de Jornalismo da UFT e professora convidada no Núcleo de Pesquisa e Extensão e Grupo Lattes Observatório de Pesquisas Aplicadas ao Jornalismo e ao Ensino (OPAJE-UFT). carolcdosanjos@gmail.com

² Graduanda em Jornalismo pela UFT. hagridk.kc@gmail.com

officiel et les éléments symboliques de la culture noire dans la construction de brazilianess la vidange. Aussi sauve la construction d'une identité noire mouvement par l'élite blanche, suivie par le processus de réclamation qui favorise la population noire pour construire et légitimer votre identité culturelle dans le Brésil du 21e siècle. Enfin, elle cherche à promouvoir une réflexion dans la perspective des théories du journalisme dans l'intention de souligner comment les médias discours construit une réalité sociale dans laquelle le (o) (o), lorsque inclus, est hiérarchiquement méprisé.

Mots - clés: identité noire; Théories du journalisme; Cas d'utilisation de Turban.

LAS ESTRATEGIAS DE CONSERVAR EL PODER: LA CONSTRUCCIÓN MEDIÁTICO DEL TERMO APROPRIACIÓN CULTURAL Y EL CASO DEL USO DEL TURBANTE

Resumen: El artículo verifica las estrategias de conservar el poder en las relaciones de identidad raciales en Brasil a partir de análisis de abordaje mediática de concepto de aproximación cultural. Se lleva en cuenta las voces presentes en las materias que llevan el caso del "uso de los turbantes", por Thauane Cordeiro, híper midiaticado a partir de la publicación en su perfil del Facebook, en febrero deste año, retoma el proceso de construcción de identidad nacional, la apropiación oficial y el vacío simbólico de elementos de la cultura negra en construcción de la brasilidad. También rescata el movimiento de la construcción de la identidad negra por la elite blanca, seguida del proceso reivindicatorio que la población negra promueve para construir y legitimar su identidad sociocultural en Brasil del siglo XXI. Por fin, busca promover una reflexión sobre la perspectiva de las teorías del periodismo con intención de apuntar como el discurso mediático construye una realidad social, en la cual negrx, cuando incluso, es jerárquicamente inferiorizado.

Palabras-clave: Identidad Negra; Teorías del Periodismo; Caso del uso del Turbante.

INTRODUÇÃO

Com a modernidade, há o fenômeno das declarações identitárias, em grande parte atribuídas ao contato interétnico. Porém, existem, além desses neologismos identitários³, um outro: a reivindicação de identidade própria. Isto é, uma auto-declaração, sobretudo das populações que tiveram sua identidade construída pelo 'outro' – como as populações indígenas e negras em países da América Latina e África. Este artigo discute a reivindicação identitária da população negra brasileira expressa nos dias atuais. Este processo que, a priori, nega uma identidade do negro construída pelo branco e delibera sobre sua própria identidade. Dessa forma, o ato reivindicatório se faz um ato político, estético e cultural que tece marcos de diferenciação simbólica e se configura como uma retomada do 'eu/nós' frente ao 'eles/outros'.

³ O neologismo identitário é um fenômeno de invenção e reinvenção de identidades que são formadas através da reformulação de 'identidades antigas'. Pode acontecer por meio de ressignificação destas identidades ou ainda pela produção de novas identidades decorrentes do contato com identidades pré-existentes.



A proposta é discutir esse processo por meio da análise dos componentes que formam a identidade negra hegemônica, são identificados os motivos da permanência de uma identidade negra construída pelo branco, mesmo diante da reivindicação de uma nova identidade negra, agora protagonizada pela população negra. Ou seja, pretende-se perceber e interpretar a resistência ao processo de reconstrução da identidade negra feita pela população negra. Desta forma, acontece mediante a análise de um fenômeno recente e específico: o uso de turbantes e a construção do conceito de apropriação cultural pela mídia.

Para melhor compreender essa reivindicação da população negra, é necessário delinear alguns de seus símbolos e história. Tal entendimento se faz importante, sobretudo, em se tratando de Brasil, onde a identidade do negro primeiro foi construída por grupos dominantes (Azevedo, 1987; Ortiz, 2006; 2009). Assim, o processo de (re)construção identitária feito pela população negra na contemporaneidade é, em primeira instância, uma negação da identidade de si construída pelo ‘outro’ – no caso, uma hegemonia majoritariamente branca – concomitante à retomada de processos, ritos, vestimenta, religião, arte e símbolos da cultura negra. Vale destacar que, para estudar a construção e reconstrução da identidade negra no Brasil, é preciso interligar a memória e cultura, como também entender o papel da reivindicação identitária na constituição e legitimação da população negra como um grupo. Ainda carece de, inclusive, identificar a existência, as causas e os danos provocados pela resistência que essa reivindicação e integração da população negra enfrenta.

O fenômeno midiático, através do qual propomos identificar como existem resistências em relação ao processo de reivindicação identitária da população negra brasileira, é o caso do uso do turbante por uma jovem branca, Thauane Cordeiro. Trata-se da repercussão de uma publicação feita no perfil da rede social Facebook por Thauane, na qual relata ter sido repreendida por mulheres negras. Essas mulheres teriam a abordado para alertar que não poderia usar o turbante (o qual usava na ocasião), pois, por ser branca, o ato se configuraria como apropriação cultural. No *post*, a jovem afirma que o uso do turbante se dava para cobrir a ausência de cabelos, devido ao tratamento de leucemina mielóide.

A postagem recebeu mais de 139 mil curtidas, 1.300 comentários e foi compartilhada 38.110 vezes na semana do acontecimento. O alcance da postagem a transfigurou na hashtag “#vaiterbrancodeturbantesim” usada milhares de vezes no

Twitter. Isso fez com que o termo "Apropriação Cultural" atingisse o pico de popularidade no Google Trends⁴ durante o período de 12 a 18 de fevereiro de 2017.

O estudo desse fenômeno midiático apresenta também os argumentos utilizados na exclusão social e política da população negra. Isto acontece por meio da construção negativa de sua identidade e de uma construção da identidade brasileira baseada na miscigenação, que será também perscrutada. Desse modo, serão expostos alguns argumentos usados como resistência a reivindicação da identidade negra na atualidade. Assim, também busca-se compreender o papel da mídia atual, baseada em meios organizacionais e técnicos, na construção de uma realidade que subjuga e silencia a população negra.

A fim de perceber como se dá esse processo, analisamos o fenômeno midiático do “uso de turbantes” a partir do aporte teórico do processo de construção de identidade cultural na pós-modernidade (Hall, 2006) e das Teorias do Jornalismo⁵ (Pena, 2012; Traquina, 2012; Wolf, 2003) concomitante à depreensão da construção social da identidade da população negra por ela mesma.

IDENTIDADE DA POPULAÇÃO NEGRA: DA MISCIGENADA SOCIEDADE BRASILEIRA À REIVINDICAÇÃO DO ‘EU/NÓS’

A conceituação de identidade se dá dentro de um campo semântico demasiadamente complexo para ser deslindado fora de um contexto específico. Entretanto, nos propomos a tecer algumas linhas a fim de delinear a significação do termo e contextualizar a identidade do negro no Brasil do século XXI.

Desse modo, quanto a acepção de identidade, há, historicamente, transformações e (re)significações que se dão desde *aquilo* que está no cerne, na *essência do ser* à projeção de identidade coletiva, no âmbito de nação ou ainda mais universais como os arquétipos de homem e mulher⁶.

A concepção do termo, em estudos pós-modernos, apontam para a existência de um eu performático⁷, “uma celebração móvel” (Hall, 1987 apud Hall, 2006, p.13). Essa celebração é urdida relacionando um conjunto de referências, símbolos e signos em um

⁴ Aplicativo que faz o levantamento das pesquisas realizadas no Google.

⁵ As teorias do jornalismo utilizadas são Gatekeeper; Agenda Setting; Newsmaking; Definidores Primários.

⁶ Arquétipos estes tão questionado nos estudos de gênero, isto porque esses arquétipos delegam funções sociais a questões que são biológicas.

⁷ Um estudo sobre a representação do "eu" pode ser conferido em *A representação do eu na vida cotidiana*, de Erving Goffman (1985).

jogo de diferenças, as quais são tomadas como marcos de diferenciação simbólica entre *eu* e o *outro*. Esses marcos se dão através dos campos racial, político, econômico, social e linguístico (Bhabha, 2013; Hall, 2006; Woodward, 2013).

Sendo assim, as identidades existem inter-relacionadas. Ou seja, umas em relação às outras, unidas pela relação dialética baseada na diferença. Ao escrever sobre as identidades étnicas, Barth (1998, p. 196) afirma que os grupos étnicos se mantêm como unidades ao demarcarem suas “[...] diferenças no comportamento, isto é, diferenças culturais persistentes”. Essas marcas construídas no imaginário, além de manter a coesão do grupo étnico, cria um “código” de valores de relações “*eu/nós*” e “*eu/nós* com o *outro*”. Os marcos de diferenciação simbólicas são, portanto, elementos centrais dos sistemas classificatórios, por meio dos quais são significados o mundo, produzem e norteiam a ordem social.

Em se tratando da identidade da população negra, no Brasil, é preciso retomar ao Brasil Colônia, Império, República Velha até meados do século XX, para, assim, criar um campo semântico e político necessário para desenredar o desenvolvimento identitário e reivindicatório da(o) negra(o) no Brasil do século XXI. Desta forma, embora se corra o risco de não apreender todo o processo, dado a sua complexidade, propomo-nos a densificar a construção da identidade do negro dentro do processo da construção/invenção/imaginação do Brasil⁸ pela elite branca brasileira.

No início do século XIX, a família real portuguesa vem para o Brasil (1808), tem-se, na (con)sequência, a chegada das Missões Francesas no Brasil (1816). Esta vinda inicia um novo processo de retratar o Brasil a partir de perspectiva europeia e eurocêntrica, sobretudo a partir das artes e de novas expedições “científicas” patrocinadas pela coroa. Porém, é no segundo reinado que se tem a preocupação de construir a brasilidade, dentro de uma visão oficial (Schwarcz, 2003).

Para tanto, foram utilizados mecanismos de ‘esquecimento’ no processo de formação de identidade cultural nacional. Um adendo importante para se entender a questão da população negra nesse contexto é presença de Joseph Arthur de Gobineau⁹,

⁸ O arcabouço teórico pelo qual se percebe a construção do Brasil é oriundo do diálogo que tecemos das perspectivas conceituais dos processos de construção de nação encontrados nas obras *Invenção de tradições* de Hobsbawm; Rager (2012) e *Comunidades Imaginadas* de Benedict Anderson (2008).

⁹ Autor do *Essai sur l'inégalité des races humaines* (Ensaio sobre a desigualdade das raças humanas, 1854) e figura central na discussão europeia sobre a eugenia. O termo eugenia, por sua vez, fora criado pelo Francis Galton. Esse termo indica “as pretensões galtonianas de desenvolver uma ciência genuína sobre a hereditariedade humana que pudesse, através de instrumentação matemática e biológica, identificar os melhores membros – como se fazia com cavalos, porcos, cães ou qualquer animal –,



no posto da missão francesa, na corte de Dom Pedro II. Isto influencia as políticas raciais brasileiras para uma sociedade racialmente dividida pela “ordem natural das coisas”: uma sociedade organizada e hierarquizada pelo racismo científico.

Já no final do século XIX, têm-se a abolição da escravidão (1888) e o fim da monarquia (1889). Com isso, o Brasil tinha uma enorme questão para resolver: a população negra – que vinha sendo discutida, entretanto, sob uma perspectiva das teorias raciológicas e do darwinismo social. Essa discussão atribuía ao negro e ao indígena à responsabilidade do atraso do Brasil, desconsiderando a colonização e a escravidão. Nesse contexto, João Baptista de Lacerda¹⁰, o representante do Brasil no Congresso Universal das Raças, realizado em Londres, em 1911, aponta que a solução era incentivar a migração de brancos europeus. Assim, ainda segundo o mesmo, por meio da miscigenação de relações interétnicas, o Brasil se branqueasse se ‘livrando’ de sua “Onda Negra¹¹”, o que possibilitaria a modernização da nação.

Perante o exposto, pode-se inferir que houve uma seleção de argumentos, pelo movimento eugenista¹², que teceram o imaginário coletivo o qual ocorre concomitante ao processo de formação da identidade nacional e da cultura brasileira, da brasilidade. Isto é, o branqueamento da população está dentro do projeto de nação em um estratégico mecanismo que mantinha exclusiva a população negra e indígena.

Outro momento do processo de formação da brasilidade é após a década de 1930. Esta foi a época da industrialização brasileira¹³, período em que havia a ‘necessidade’ de retirar do mestiço as ‘características negativas’ que os intelectuais do século XVIII e XIX haviam lhe conferido. Vale destacar que esse movimento é feito em uma nação cuja própria elite é mestiça, uma espécie de ‘branco local’. Esse mestiço – ‘branco local’ é o nome dado pelos intelectuais da época – possuía algumas características tácitas como “qualidades europeias”, herdadas do branco, e também “preguiça” e “imprevidência”, advindas de seus ascendentes negros e índios. Essas

portadores das melhores características, e estimular a sua reprodução, bem como encontrar os que representavam características degenerativas e, da mesma forma, evitar que se reproduzissem” (Stepan, 1991, p. 1 apud Del Cont, 2008, p. 202).

¹⁰ Financiado pelo governo do marechal Hermes da Fonseca.

¹¹ A construção da ideia da Onda Negra é discutida de maneira densa na obra *Onda Negra, Medo Branco: O negro no imaginário das elites do Século XIX*, de Celia Maria Marinho de Azevedo (1987).

¹² Em 1918, é fundada a Sociedade Eugênica de São Paulo. Vale destacar que fora a primeira sociedade de eugenia organizado da América Latina, segundo Kekl (1931 apud Souza, 2005, p. 2). A sociedade atuava com saúde pública e psiquiatria.

¹³ Ao problematizar a formação da ‘Moderna tradição brasileira’, Renato Ortiz (2009, p. 37) aponta para a construção o imaginário que se tinha à época que “a industrialização brasileira é necessária para a concretização da nacionalidade brasileira”.



últimas não se ajustavam mais a uma sociedade capitalista baseada no trabalho, portanto deveriam desaparecer (ORTIZ, 2006).

Outra importante questão para discutir a construção da identidade da população negra, pela elite branca brasileira, é a publicação da obra *Casa Grande & Senzala*, em 1933, por Gilberto Freyre. Esta produção dá base para construção do mito da Democracia Racial, reforçada (e tomada por resolvida) com a interpretação da obra de Sérgio Buarque de Holanda, em 1936, *Raízes do Brasil*, com a construção do conceito do “homem cordial”¹⁴. De modo que houve, na década de 1930 e 1940, a construção de um imaginário de uma nação “harmonicamente” formada por três raças. Assim, admite-se a inclusão da(o) negra(o) no processo de formação da sociedade brasileira, porém, hierarquicamente inferiorizada(o). Isto é, a(o) inclui como origem, mas jamais como constituinte presente e concreta(o) da história e da população brasileira. Desta maneira, se o branco não pode no Brasil ser branco, não poderá também o índio e o negro aqui serem índios e negros. Trata-se de uma sociedade miscigenada (Ortiz, 2006).

É dentro dessa conjuntura que a elite branca constrói a identidade da população negra. E não a faz de forma ingênua, em uma tentativa de melhor compreender o mundo. O branco hegemônico não usou ‘as lentes do outro para entendê-lo’. Entretanto, selecionou as características que encontrou de si no outro¹⁵, o que lhe era conveniente para sintetizar uma identidade negra inferior a uma identidade branca. Desse modo, deu a si próprio o direito de agir no campo social como desejasse, tornando “ilimitáveis” os seus sonhos e estabelecendo muralhas nos sonhos da(o) negra(o). E, desta forma, a(o) negra(o) não poderia impedir a livre circulação do branco, até mesmo em sua terra e/ou no seu corpo.

Vale destacar que esta identidade negra inferiorizada não surge, para o povo negro, como uma imposição declarada ou mesmo como um aspecto intrinsecamente negativo, mas como uma realidade da qual não se pode fugir. Assim, a população negra

¹⁴ Vale destacar que essas obras são sínteses ‘silenciadoras’ de um processo que ocorreu ao longo do século XIX, ao qual Azevedo (1987) se debruça apresentando a construção de um imaginário que se deu em obras “científicas”, no âmbito jurídico e também na literatura que apresentam o negro como sujeito inferior na população brasileira.

¹⁵ Embora seja sobre outra identidade étnica, no caso a indígena, Eduardo Viveiro de Castro, no texto *Uma Notável Reviravolta* – em que apresenta sua obra *Metafísica Canibal* – questiona o fazer antropológico apontando que “Duplicar tal fantasmagoria subjetiva por um apelo à dialética da produção subjetiva do Outro pelo sistema colonial é simplesmente acrescentar um insulto a uma injúria; supor que todo discurso ‘europeu’ sobre os povos de tradição não europeia só serve para iluminar nossas ‘representações do outro’ é fazer de um certo pós-colonialismo teórico a manifestação mais perversa do etnocentrismo. À força de ver sempre o Mesmo Outro – de dizer que sob a máscara do outro somos ‘nós’ que estamos olhando para nós mesmos – acabamos por tomar o atalho que nos leva ao que realmente, no fim e no fundo, nos interessa saber: Nós mesmos.” (2015, p.21).

é impelida a acreditar que a cor da sua pele, a forma do seu cabelo e toda sua corporeidade que a liga à ancestralidade negra é negativa. Tudo isso, sem, na maioria das vezes, se perguntar o porquê são negativos. Apenas busca-se um movimento de distanciar-se dessas características¹⁶.

Quando a(o) negra(o) percebe as negatividades que lhes são impostas e se insurge contra elas, é silenciada(o) diante do argumento da democracia racial. Em vista disso, quando o indivíduo negro ascende socialmente, é “tido” ou “percebido” como “moreno” ou “pardo”, dentre outros sinônimos de não-negro. Porém, quando uma(um) negra(o) ocupa uma posição sem prestígio social, é como se ocupasse seu lugar.

Com as manifestações da população negra admite-se, socialmente, sua existência. Isto acontece, sobretudo, após a institucionalização dos movimentos negros que se deu entre as décadas de 1970-1980 e a constatação científica da existência de uma desigualdade racial advinda do racismo. Contudo, assumir a permanência do racismo, mesmo depois da fundação da “democracia racial”, é apenas um passo inicial na condução de uma sociedade igualitária. Vale destacar que os diversos movimentos negros reivindicaram o fim do silenciamento sobre a questão racial no Brasil. No entanto, outro movimento necessário para obtenção desse objetivo é a desconstrução da identidade negra estruturada pelo branco. Esses passos estão lentamente sendo dados por meio da reivindicação de identidade(s) negra(s) pela população negra.

Os obstáculos que impedem a efetivação dessa construção são em nível social, educacional, psíquico e econômico. Afinal, a construção discursiva da identidade brasileira fundamentada no mito das três raças, que define a brasilidade como miscigenada, cria a ideia de que a reivindicação da identidade negra é uma negação à brasilidade. É preciso salientar novamente que, para se construir identidade brasileira, elementos da identidade negra foram utilizados. Todavia, estes foram esvaziados de valor simbólico e transfigurados em nacional (Ortiz, 2006; Damatta, 2000). Ou seja, uma apropriação cultural para a construção da identidade nacional oficial é, ainda hoje,

¹⁶ Vale destacar que a população negra sofre duas vertentes de um mesmo preconceito, no caso, a racial biológica e também cultural (HALL, 2011). De modo que houve (há) um esforço para modificar os hábitos, cultura, posto que não há sucesso nas modificações das características fenotípicas. Dessa forma, segundo Sousa (1983, p. 11): “A inutilidade deste procedimento, comprovada ao longo das gerações, não tem o poder de desmentir a ficção psíquica de que o atributo étnico não é um atributo arbitrário, assim como o são os fatos da ordem da cultural [...] [assim] O sujeito já não mais atenta converter o corpo negro em corpo branco. Contenta-se em renegar o estereótipo do comportamento negro, copiando e assumindo um estereótipo do comportamento que pensa ser propriedade exclusiva do branco e cuja supremacia acredita. [...] O comportamento é, por sua natureza, mais plástico e flexível. A meio caminho entre o fato natural e o fato cultural. [...]”.

a principal “estratégia” da hegemonia branca para impossibilitar a ascensão da população negra ao status de igualdade.

Uma vez que para construir uma nova identidade negra – que se oponha à identidade hegemônica antes construída –, é necessário, como aponta Pollak (1989, p.10), uma retomada a um passado coerente:

[...] o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos [...] *O que está em jogo na memória é também o sentido da identidade individual e do grupo* (grifo nosso).

Esta retomada do passado é impossibilitada, visto que a identidade brasileira foi tecida a partir da desagregação e descaracterização da cultura negra, decorrente de um processo de expulsão da população negra da imagem social e política brasileira (Ortiz, 2006; Damatta, 2000). O mito das *três raças* foi de tal maneira convincente que é impossível para o senso comum identificar as linhas negras do que, no imaginário social, tece o diversificado emaranhado que é a brasilidade.

Assim, a reivindicação de elementos da cultura negra para constituição simbólica da identidade da(o) negra(o) é impedida pela ideia basilar de que identidade brasileira é fundada na miscigenação. Logo, o desmembramento das particularidades diversas dissolvidas na brasilidade resultariam na violação e crise que, por ser fundado na anulação da população negra, impede a reivindicação de um ser negro. Daí a estranheza causada naqueles que assimilaram tal identidade ao se depararem com a reclamação de aspectos culturais negros, já que esses jamais existiram, uma vez que tais aspectos foram anteriormente apropriados pela identidade brasileira, sendo transformados em símbolos nacionais e não reconhecidos em símbolos negros.

APROPRIAÇÃO CULTURAL DE ELEMENTOS DA CULTURA NEGRA

Para compreender o conceito de apropriação cultural recorreremos a Pinheiros (2015, p. 1) que o conceitua como “o ato de se utilizar ou adotar hábitos, objetos ou comportamentos específicos de uma cultura, por pessoas e/ou grupos culturais diferentes”. A autora acrescenta que a questão política da apropriação é, justamente, a que ultrapassa ao conceito descrito. A cultura pode ser o principal elemento de identificação, pertença e legitimação de uma classe e de um povo. Dessa maneira, o que



está em jogo não é simplesmente a desapropriação de um artefato, mas, sim, um universo de representações que é decisivo para estabelecer a posição de uma classe no espaço social (Bourdieu, 2007 apud Pinheiros, 2015).

A cultura é um fator determinante para a distinção das classes. Este é o meio pelo qual se ascende socialmente, ou seja, obtêm-se o “capital cultural” (Bourdieu, 2010). Ela também quem determina a valorização do indivíduo na sociedade. Vale destacar que a cultura da classe dominada é localizada no polo desvalorizado do capital cultural. Entende-se, desse modo, como o aspecto cultural determina a distinção entre classes e como pode distinguir também as etnias. Em razão de que, como indica Roberto Cardoso de Oliveira (2006) e Hall (2011), a cultura configura-se como um meio de expressão da identidade, seja ela individual ou de grupo, mesmo que não se constitua como a causa dessas identidades. A cultura é, desse modo, uma das responsáveis pela diferenciação e hierarquização das etnias e das identidades que as formam.

Destarte, a apropriação cultural é mais do que um hibridismo causado pelo contato entre povos e culturas. Vê-se que esta possui causas advindas de um conflito histórico entre colonizador e colonizado; em que a cultura do colonizador foi valorizada e enaltecida, enquanto a cultura do colonizado foi perseguida e suprimida, e o que não pôde ser suprimido foi e é apropriado.

Acrescenta-se que a persistência do racismo faz com que seja reproduzido pelo mercado, que apreende a negatividade ligada a representação da(o) negra(o) e de sua cultura. Assim, a apropriação cultural é, além de um mecanismo político de repressão de um povo, uma estratégia de venda, dado que um produto ligado à(ao) negra(o) e sua cultura venderiam menos do que um ligado à(ao) branca(o).

Uma vez indicadas as causas, é preciso identificar as consequências da apropriação cultural, tais como a ressignificação da cultura apropriada localizada. Sobretudo, a lógica mercadológica da indústria cultural e que, uma vez ressignificada, retira da identidade negra as conotações culturais do objeto apropriado. Contudo, mantém-se ainda seus estigmas. A exemplo, a pesquisadora em Psicologia Social e ativista Jo Camilo (2015) afirma que:

A capoeira continua sendo vista como ‘malandragem’ e os dreads continuam sendo considerados ‘sujos’, mas agora não identificam mais a cultura negra, mas são ‘patrimônio de todos’ em um lugar onde supostamente não existem



diferenças raciais por conta da miscigenação. Mantêm-se os juízos negativos racistas, retira-se o caráter de resistência. (Camilo, 2015, online)

Perante o exposto, pode-se inferir que as apropriações culturais ressamantizam, no século XXI, a ‘democracia racial’ do Brasil. Isso acontece ao reforçar o mito das três raças, ao pressupor a inexistência do racismo e ao manter a população negra em uma posição de subalternidade.

Desse modo, pode-se inferir que a apropriação cultural, dentro dessa conjuntura, resulta da assimilação pelo mercado de um objeto cultural, retirando dele exatamente o seu aspecto cultural, suas significações e a figura negra ligada a ele. Tanto é que, para vendê-lo, o mercado em suas propagandas “esquece” da(o) negra(o), perpetuando a sua inexistência política, social e estética; em assim, mantendo o racismo existente, mesmo ao lucrar com a cultura de quem sofre com ele.

Uma vez delineado o conceito de apropriação cultural, propõe-se a apreensão do fenômeno à luz das Teorias do Jornalismo.

O CASO THAUANE CORDEIRO À LUZ DAS TEORIAS DO JORNALISMO

A apropriação cultural parece ter (re)surgido no cenário virtual brasileiro em 2014. Vemos que nesse período se inicia a sua discussão em blogs e redes sociais. Como evidência temos, por exemplo, o texto “Ser preto tá na moda?”, publicado em julho de 2014, por Mara Gomes, no blog “Blogueiras Negras”. E o tema voltou diversas vezes ao ambiente virtual entre 2015 e 2016.

Essas discussões, muitas vezes, denunciavam casos de apropriação cultural tal qual o texto “Farm representa Iemanjá com modelo branca e causa polêmica na web” (Amin; Carreiro, 2014), ou discutiam o significado de apropriação cultural como o texto “O que é apropriação cultural?”, de Stephanie Ribeiro, publicado na revista online Capitolina. Contudo, para esse artigo, tomamos a popularização do termo a partir de um post feito no Facebook, em 04 de fevereiro de 2017, por Thauane Cordeiro em seu perfil:

Vou contar o que houve ontem, pra entenderem o porquê de eu estar brava com esse lance de apropriação cultural:

Eu estava na estação com o turbante toda linda, me sentindo diva. E eu comecei a reparar que tinha bastante mulheres negras, lindas aliás, que tavam me olhando torto, tipo ‘olha lá a branquinha se apropriando dá nossa cultura’, enfim, veio uma falar comigo e dizer que eu não deveria usar turbante porque



eu era branca. Tirei o turbante e falei ‘tá vendo essa careca, isso se chama câncer, então eu uso o que eu quero! Adeus.’ Peguei e sai e ela ficou com cara de tacho. E sinceramente, não vejo qual o PROBLEMA dessa nossa sociedade em, meu Deus!

#VaiTerTodosDeTurbanteSim (Cordeiro, 2017, online).

Logo a popularidade da discussão foi percebida pelos portais de notícia. Segundo o Google Trends, o tema fora o mais pesquisado na internet no período de 12 a 18 de fevereiro de 2017. Ao noticiar o fato, poucos portais se preocuparam em discutir a apropriação cultural ou mesmo o uso e função do turbante fora daquele contexto. Dessa forma, prendiam-se a objetividade superficial. No quadro abaixo há uma síntese das matérias publicizadas¹⁷, no qual apresentamos a presença das vozes discursivas.

Quadro 1. Matérias publicadas sobre ‘o caso turbante’

Veículo	Apresenta voz negra	Voz representativa	Apresenta agressoras
R7	0	0	0
O Estado De S. Paulo	0	0	0
Extra, Globo	0	0	0
Nêggo Tom	1	1	0
JConline	1	1	0
UOL	1	1	0
Huffpost Brasil	1	1	0
Veja	0	0	0
Elpais	1	1	0
Negro Belchior, Carta Capital	1	1	0
Blastingnews	0	0	0
Tribuna da Bahia	0	0	0
Glamurama/UOL	0	0	0
Folha UOL	0	0	0

Fonte: elaboração das autoras

Perante o exposto, e tendo em mente as Teorias do Jornalismo, percebe-se que a objetividade é um mito. Logo, mesmo que as notícias tenham se concentrado na descrição do fenômeno, as mesmas não foram, nem poderiam ser, objetivas, como mostra a Teoria do Gatekeeper.

Essa teoria identifica, no processo de produção da notícia, um responsável pela sua seleção e a identificação do valor notícia da informação. Esse sujeito, por si, já

¹⁷ A busca das matérias se deu dentro na aba de notícias do Google entre os dias 15 e 21 de março de 2017.

quebra a ilusão de objetividade, soma-se a isso o fato de a(o) jornalista estar inserida(o) na sociedade e no seu meio de trabalho (cultura da profissão e cultura organizacional das empresas de comunicação). Portanto, sujeita-se a tudo que acontecem neles, conforme explica a teoria do Newsmaking (Wolf, 2003).

Dessa maneira, a(o) jornalista não escolhe reportar a discussão sobre o “caso Thauane” por refletir a realidade, mas por ter se transformado em um valor-notícia, por uma série de critérios próprios e também de critérios relativos à empresa em que trabalha, assim como outros critérios de eficiência, produção de notícias e rapidez. O “caso Thauane” torna-se notícia, não apenas por estar inserida na realidade, entretanto fora selecionada, dentro de outros tantos fatos, para compor a realidade midiática.

Sendo a(o) jornalista quem decide o que se torna ou não notícia e de como se torna notícia, traz à reflexão um aspecto também notado pela Teoria do Gatekeeper: a(o) jornalista, apesar de fazer parte da sociedade, é responsável por noticiá-la. Além disso, como apontado anteriormente, a(o) jornalista é incapaz de relatá-la com precisão, por estar subjugada(o), da mesma maneira que qualquer outra(o), a seus símbolos, regras e convenções, e por não estar em contato com todos os âmbitos da realidade. Logo, o que faz não é a descrição da realidade, senão aquilo que percebe dela, realizando uma construção própria da notícia que se funde ao já existente e, dessa forma, constrói também a realidade social (Wolf, 2003; Traquina, 2012).

Conforme o quadro, a construção da realidade (ou discurso midiático) do ‘caso do uso turbante’ houve, em sua maioria, uma apresentação do fato tal como narrado por Thauane, em seu Facebook. Não houve em nenhuma das matérias publicadas a ‘voz’ das ‘agressoras’. Assim, a personagem não se torna apenas uma Definidora Primária¹⁸, mas a única voz ouvida.

Quando a(o) jornalista percebe, apenas a superficialidade de uma notícia é incapaz de refleti-la de forma fiel ao todo em que está inserida. Ao limitar-se a descrever um acontecido, como o de Thauane Cordeiro, sem discutir suas nuances – mesmo que talvez esteja apenas seguindo a linha editorial da empresa que trabalha –, a(o) jornalista permite que a realidade se limite; aos olhos de quem lê à notícia, ao fato

¹⁸ A teoria dos Definidores Primários explica que a primeira fonte consultada em uma matéria é responsável por condicionar o caminho que a matéria seguirá, tanto no momento em que é feita quanto no momento que é interpretada. Em outras palavras, essa fonte, geralmente dotada de algum tipo de poder ou legitimação, é capaz de induzir a conclusões por intermédio da informação dada, possivelmente por ser a primeira voz a ser ouvida a respeito do tema e/ou acontecimento e, ainda, por ser reconhecida na sociedade por algum motivo (Sousa, 2006).

acontecido. Ou seja, Thauane, uma jovem fragilizada pelo câncer, foi abordada agressivamente por mulheres negras, que a proibiram de usar algo que a ajudava a diminuir sua fragilidade emocional, perante sua doença.

Esse recorte – da abordagem agressiva e proibição ao uso do turbante –, nesse contexto, noticiado pela(o) jornalista, se tratava ‘apenas’ do uso do turbante símbolo da cultura negra, utilizado por uma branca. Por consequência, se isso é tudo o que a(o) jornalista escreve em sua notícia, isso é (será) também tudo o que existe. Dado que tanto a(o) jornalista, como a instituição em que trabalha, estão, da mesma forma, como tudo que lhes rodeiam, embutidas(os) de valor simbólico que muitas vezes as(os) ligam à ‘verdade’ e à objetividade. Faz-se, assim, com que o(a) leitor(a) da notícia, a partir dos fatos existentes nela e de sua bagagem pessoal, forme sua opinião¹⁹.

Nesse caso, a(o) leitora da notícia constrói um conceito de apropriação cultural, que, como a notícia, não reflete a realidade e a história como um todo, mas apenas um recorte do fato. Ou seja, tanto o conceito de apropriação cultural como o “caso de Thauane” serão conhecidos apenas através da lente do Gatekeeper. Isso dentro de uma lógica de produção de notícia – Newsmaking²⁰ – e ouvindo apenas um Definidor Primário, no caso, a própria Thauane. Produziu-se, desta maneira, um Espiral do silêncio²¹ das ‘negras agressoras’ e também de toda população negra.

A teoria do Agenda-Setting, por sua vez, nos mostra porque é ‘tão grande’ o poder da mídia em excluir um assunto ou mesmo um aspecto de um assunto. Ao correlacionar essa teoria (Agenda-Setting) com a anterior (Gatekeeper), confirma-se o pressuposto de que a mídia é parte significativa da construção da realidade. Contudo, se a anterior afirmava que é da(o) jornalista a responsabilidade de decidir o que se torna e

¹⁹ Trazendo o fato à luz da teoria, Zucker (1978, p. 277 apud Wolf, 2003, p. 67) declara que: “Quanto menor é a experiência direta que as pessoas têm de uma determinada área temática, mais essa experiência dependerá dos mass media para se possuir as informações e os quadros interpretativos referentes a essa área”. Na realidade, a complexificação e ampliação advindas do mundo capitalista resultaram na ampliação da dependência aos mass média. De tal sorte, esta ampliação da realidade direta implicou em um menor contato entre as diferentes partes da sociedade e, conseqüentemente, a uma maior desinformação a seu respeito, o que tornou a mídia o seu principal e muitas vezes único meio de apreensão acerca da realidade.

²⁰ Teoria do Jornalismo que apresenta que as notícias são como são porque as empresas e a lógica industrial de produção de matérias assim as determina. Isto é, para torna-se notícia o fato tem que ter noticiabilidade, valor notícia, estar dentro da rotina de produção. Há também a linha editorial da empresa e o processo de construção de audiência (Pena, 2012; Traquina, 2012; Wolf, 2003)

²¹ Segundo essa teoria, as pessoas tendem a omitir sua(s) opinião(ões) contrária(s) a ideologia majoritária, assim dificultam a mudança de hábitos e contribuem para perpetuação do status quo. “O silêncio é a escolha pela não solidão social. Isto é, a solidão social se propaga de maneira espiral, podendo esconder desejos de mudança de uma maioria silenciosa (silenciada), que acredita que sua opinião não será ouvida, assim optam pelo silêncio.” (Noelle-Neumann, 1984 apud Pena, 2012).

como se torna notícia, esta teoria do Agenda-Setting alega que a mídia tem papel importante para decidir o que será discutido na vida cotidiana; e que influencia também na decisão de quais dos fatos noticiados por ela, o que será, em comparação a outros, o mais importantes (Wolf, 2003; Traquina, 2012).

Antes se acreditava que a mídia influía sobre a produção de valores ou na mudança comportamental. Em função disso, era pesquisada a potencialidade da mídia em mudar a opinião de quem a consumia. Nos estudos atuais, entende-se a mídia não como a construtora de valores, mas entende o discurso midiático como um elemento que constrói e representa a realidade sendo. Portanto, a mídia que fornece os meios para que se entenda o mundo. A teoria do Agenda-Setting é fundamental para entender a intensidade e os âmbitos em que a mídia mais participa na construção da realidade, uma vez que estuda a presença direta da mídia e dos temas que ela aborda na vida pública.

O caso de Thauane, como muitos, tomou importância não pela mídia tradicional, mas devido à publicação em uma rede social. Em seguida, ao reconhecer alcance do caso, é que fora noticiado. Desse modo, a rede social pautou a mídia, devido à repercussão do caso, isto é, uma ‘necessidade’ de entender e noticiar o que estava acontecendo. Logo, nota-se que a vida também pauta a mídia, principalmente nos tempos em que o privado se torna facilmente público, como o foi o acontecido com Thauane.

Porém, é preciso notar também que sua transfiguração em notícia o legitima como assunto “digno” de ser discutido, já que se o leitor que procura informações não a encontra nos meios tradicionais, provavelmente não a procurará mais. Ou seja, ao passar pelos filtros do Gatekeeper e ascender à notícia o fato passa a pautar a vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Abordar um fenômeno midiático à luz de Teorias do Jornalismo que foram criadas antes da ascensão da internet se faz um desafio a medida que a própria profissão está se reconfigurando. Porém, tomá-las para apreender como que um fato – que veio a público primeiro pela rede social e posteriormente por portais de notícia – fora hipermediatizado ainda é possível, posto que o discurso midiático é um imprescindível elemento que constrói a realidade na sociedade contemporânea.



No caso do uso do turbante por Thauane, a mídia se ateve a descrição da repreensão sofrida por ela, uma jovem com câncer, e findou por direcionar o assunto da discussão – não para definir o que é apropriação cultural, mas para o fato em si e a tentativa de entendê-lo, sob a ótica de uma única pessoa. Vale destacar que a discussão suscitada não foi sobre a apropriação cultural de elementos da cultura negra, mas sim toda a discussão se deu em torno de uma jovem branca, isto é, o branco no centro do debate sobre a cultura negra. Nesse contexto, a apropriação cultural, que como vimos é um conceito ainda em (re)construção, ficou restrito apenas à ‘agressão sofrida’ por Thauane Cordeiro.

Quando se trata de não dar informações, o Agenda-Setting é eficiente porque é extenuante e exaustivo encontrar informações fora de meios tradicionais. E, mesmo na era da informação, essa realidade não mudou como um todo. Mesmo que se tenha acesso a outros meios, têm de haver, além disso, a consciência e habilidade de procurar, encontrar e entender esses meios, o que é ainda mais difícil – sobretudo no caso de temas como “Apropriação Cultural”, posto que a população brasileira não se entende preconceituosa e se percebe vivendo dentro de uma democracia racial.

Isto é, o Gatekeeper precisaria ter consciência da formação da identidade nacional concomitante ao esvaziamento simbólico dos elementos da cultura negra e indígena. Além disso, a empresa jornalística, mesmo que dentro da lógica mercadológica, também deveria dar voz a outros Definidores Primários, tirando assim, uma população do silenciamento e tecendo uma Nova História.

Referências

ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: Reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo*. Tradução Denise Bottman. 3. Reimp., São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AMIN, Júlia; Thais; CARREIRO. Farm representa Iemanjá com modelo branca e causa polêmica na web. In: *Instituto da Mulher Negra: Géledes. Questão Racial, Casos de Racismo*. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/farm-representa-iemanja-com-modelo-branca-e-causa-polemica-na-web/#gs.zFReC_U>. Acesso em 20 mar. 2017

AZEVEDO, Celia Maria Marinho de. *Onda Negra, Medo Branco: O negro no imaginário das elites — Século XIX*. prefácio de Peter Eisenberg. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. [Coleção Oficinas da História, v. 6 Bibliografia).

BHABHA, Homi K.. *O Local da Cultura*. Tradução de Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renate Gonçalves. 2. Ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013. Coleção Humanitas.



BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENARD, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth, Philippe Poutignat. Tradução de Élcio Fernandes. 2. Reimpr., São Paulo: UNESP, 1998.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Tradução de Fernando Tomaz. 13 Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

CAMILO, Jô. Apropriação cultural. In: *Modo Contra o Medo*. Disponível em: <http://modocontraomedo.blogspot.com.br/>.> Acesso em 20 mar. 2017.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. *Caminhos da Identidade: Ensaio sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: Editora Unesp; Brasília: Paralelo 15, 2006.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Metafísicas Canibais: Elementos para uma antropologia pós-estrutural*. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

CORDEIRO, Thauane. #Vaiterbrancodeturbantesim!. In: *Perfil do Facebook*. Disponível em: <...>. Acesso em 20 mar. 2017.

DAMATTA, Roberto. *Relativizando: Uma introdução à antropologia social*. 6 Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000

DEL CONT, Valdeir. Francis Galton: Eugenia e hereditariedade. In *Scientiae Studia*, v. 6, n. 2, p. 201-218, 2008. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/ss/v6n2/04.pdf>>. Acesso em 25 jun. 2017.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Tradução Maria Celia dos Santos Raposo. Petropolis: Vozes, 1985.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. Ed., Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

_____. *Da Diáspora: Identidades e mediações culturais*. Org. Sovik Liv. Tradução Adeliene La guardiã Resende et. al. 1ª Ed. Atualizada, 1ª Reimp.. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. [Coleção Humanitas].

HOBSBAWM, Eric J. ; RANGER, Terence (org.). *A Invenção das Tradições*. Tradução de Celina Cardim Cavalcante, 2. Ed., São Paulo: Paz e Terra, 2012.

PENA, Felipe. *Teorias do Jornalismo*. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PINHEIROS, Lisandra Barbosa Macedo. Negritude, apropriação cultural e a “crise conceitual” das identidades na modernidade. In: XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores velhos e novos desafios. *Anais*, 2015. Disponível em: < [Link](#)>. Acesso em 18 mar. 2017.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro. v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989. Disponível em: <[Link](#)>. Acesso em 2 fev. 2017.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 5. Ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.

_____. *A Moderna Tradição Brasileira: Cultura brasileira e indústria cultural*. 9. Reimp., 5. Ed., São Paulo: Brasiliense, 2009.

SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. A natureza como paisagem-imagem e representação no segundo reinado. In: *Revista USP*, n.58, p. 6- 29, jun. – ago., São Paulo, 2003. Disponível em: <Link>. Acesso em 30 de abr. 2017.

SOUSA, Neusa Santos. *Tornar-se Negro: As vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983. [Coleção Tendências].

SOUSA, Jorge Pedro. *Elementos de Teoria e Pesquisa da Comunicação e dos Media*. 2. Ed., revista e amp. Porto, 2006.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. A Eugenia no Brasil: ciência e pensamento social no movimento eugenista brasileiro do entre-guerras. XXIII simpósio nacional de história, Londrina, 2005. *Anais eletrônicos*, Londrina, 2005. Disponível em: <Link>. Acesso em 20 jun. 2017.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: Porque as notícias são como são*. v.1., 3 Ed., São Paulo: Contexto, 2012.

WOLF, Mauro. *Teorias das Comunicações de Massa*. Tradução Karina Jannini. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (Coleção Leitura Crítica).

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: Uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Identidade e Diferença: A Perspectiva dos Estudos Culturais*. 13. Ed., Petrópolis (RJ): Vozes, 2013.

GOOGLE TRENDS. <https://trends.google.com.br/trends/explore?date=2017-01-01%202017-12-31&geo=BR&q=Apropria%C3%A7%C3%A3o%20Cultural>. Acesso em 20 fev. 2017.

*Recebido em junho de 2017
Aprovado em setembro de 2017*